



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A REINVENÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCRITA DE LUANDINO VIEIRA

Zoraide Portela Silva*****
(UNEB)

RESUMO

Esta comunicação abordará a inventividade linguística nos romances *Nós, os do Makulusu* (1975), *O Livro dos Rios* (2006) e *O Livro dos Guerrilheiros* (2009) do angolano José Luandino Vieira. Escritas em português, essas narrativas registram expressões em quimbundo, expõem o hibridismo linguístico e cultural e revelam as contradições do regime colonialista. O texto descreverá alguns dos procedimentos luandinos que produzem o uso desviado da norma linguística, como também trará reflexões das motivações e dos efeitos desses mesmos procedimentos. Para tanto, serão analisados alguns fragmentos das narrativas luandinas, escolhidos como *corpus* principal, recuperando-se as discussões políticas e ideológicas em torno da norma linguística e do desvio da norma operado no próprio texto de José Luandino Vieira.

PALAVRAS-CHAVE: Inventividade, Linguística, Luandino Vieira, Narrativas.

INTRODUÇÃO

Como escrever a história, o poema, o provérbio sobre a folha branca? Saltando pura e simplesmente da fala para a escrita e submetendo-me ao rigor do código que a escrita já comporta? Isso não. No texto oral já disse não toco e não o deixo minar pela escrita arma que eu conquistei ao outro. Não posso matar o meu texto com a arma do outro. Vou é minar a arma do outro com todos os elementos possíveis do meu texto.

(MANUEL RUI MONTEIRO)

* Professora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), campus de Caetité. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) <http://lattes.cnpq.br/2229669948834374> / Linha de pesquisa: Bases culturais e resistência negra no Brasil/ : Cultura, Resistência, Etnia, Linguagem e Leitura. E-mail: zoraideportelasilva@uol.com.br



Falar da escrita na narrativa luandina é falar de uma experiência com a “resistência como processo inerente à escrita”. (BOSI, 2002, p. 120). De resistência, sem dúvida, por ir contra os padrões instituídos pela norma europeia, ou seja, por tecer uma escrita em língua portuguesa alterada em função das marcas da angolanidade. Em seus textos, tanto incorpora a textualidade quimbundo, inserindo-se nas teias da memória e da tradição oral, como também joga e brinca com os seus escritos, alterando-os em função da sintaxe e da morfologia típicas das vozes locais. A escrita de Luandino Vieira se estrutura sob bases complexas: além de fazer uma escrita “subversiva”, ele dá voz à língua dos moradores dos musseques angolanos, excluídos do sistema social. Como aponta Chaves (1999):

A apropriação de formas empregadas pelos habitantes dos musseques, também especialistas no “português gostoso” de Angola, correspondia com certeza a um projeto de individualização pautado pela dominância popular. Não se tratava efetivamente de negar a língua do colonizador, mais tarde considerada pelo próprio Luandino “um despojo de guerra” mas de ver na transgressão de seus padrões um exercício de liberdade e afirmação (CHAVES, 1999, p. 167)

Luandino Vieira tem sido apontado como um autor paradigmático desse processo da busca pela liberdade através da linguagem. As reflexões de Chaves (1999, p.167) reforçam o modo como o escritor angolano subverte criativamente a hegemonia da língua portuguesa e, em decorrência disso, encontra outras formas de desenvolvimento, particularizando seu próprio discurso, seu próprio *ethos*, “numa multiplicidade semântica infinita” (GAGNEBIN, 1990, p. 40). Nesse sentido, a narrativa luandina intensifica a resistência da escrita: “escrita resistente (aquela operação que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um *a priori* ético” (BOSI, 2002, p. 124). Há um envolvimento não apenas temático, mas estrutural, tudo acontece pelo viés da escrita.

Depoimento do autor em debate realizado no Instituto de Estudos Avançados, da Universidade de São Paulo, em 4 de dezembro de 1986.



É o que notamos em *Nós, os do Makulusu* (1975), em *De Rios Velhos e Guerrilheiros – O Livro dos Rios* (2006) e em *O Livro dos Guerrilheiros* (2009) de José Luandino Vieira – romances escolhidos como *corpus* principal do presente texto. Assim, propomos uma discussão das estratégias discursivas dessas obras e também ressaltamos a importância do diálogo com outras obras do autor. Analisaremos as relações intertextuais, as práticas de autocitação, bem como a prática de diálogo que os textos convocam para a construção das identidades individuais e coletivas, centrando-nos nas figuras do autor textual e do narrador, da mesma forma que no capítulo anterior.

É possível afirmar que Luandino, com sua escrita resistente, apropria-se quer da língua do colonizador, quer dos registros sociolinguísticos da população que habita nos musseques e compõe o que denominamos como uma língua *mussecada*^{*****}, ou ainda, uma linguagem inovadora que exercita a liberdade do domínio da palavra. É dessa língua como forma de resistência que as personagens luandinas fazem uso, ou seja, uma língua transgressora das normas europeias que se converte em discurso literário. Como observa Bakhtin (1988), todo discurso é ideológico e, conseqüentemente, social:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 1988, p. 41 – grifo do autor).

O processo de inovação e criação poética de Luandino Vieira exemplifica bem a ideia defendida por Bakhtin (1988), para quem a palavra “está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (p. 95). Na escrita luandina, esse sentido ideológico se forma a partir das transgressões à norma europeia do português,

***** O neologismo surge em *Nós, os do Makulusu* pela voz de Mais-Velho, que designa que a língua de comunicação dos habitantes dos musseques através da expressão “palavras mussecadas” (NM, p. 63).



ou seja, rompe com a norma linguística do português padrão e constrói uma nova forma de discurso literário, uma forma mais próxima ao ritmo, à cadência e à dicção angolana.

Muitos estudiosos têm debruçado sobre a capacidade de criação de uma língua própria, dentre os quais destacamos Trigo (1981), na sua pesquisa intitulada *Luandino Vieira o Logoteta*; Chaves (1999), em seu livro *A formação do romance angolano*. Também Mata (2003), em um interessante estudo sobre a reinvenção da língua, afirma que:

a obra de Luandino é expoente da invenção de uma linguagem literária através da qual comunicou mensagens subversivas e da qual emerge uma linguagem “letrada” e recriada a partir de um saber que se ancora num sentir [...] a reinvenção metalinguística é uma via de resistência e atributo de consciência perante a ambivalência insuportável à volta: pressão interior e espiritual, opressão sociocultural e política. (MATA, 2003, 64-65).

Essa reinvenção da língua representa mais do que um ato de resistência linguística e ideológica do discurso colonialista, está engajada, prioritariamente, na conquista da soberania para o povo angolano, na qual as marcas da transgressão encenam uma renovação linguística. Nesse processo, o português e o quimbundo se entrelaçam, numa recriação do texto literário por meio da linguagem. A renovação ou reinvenção linguística se insere no texto luandino quer ao nível do léxico, quer ao da sintaxe, decorrente de um processo persistente com a língua.

Como observa Carvalho (1995), a língua portuguesa de Angola vai além das formas de oralidade do povo angolano com o português-padrão; resulta de uma nova forma de criação poética e pertencimento:

Se é verdade que ao traduzir e adaptar, para a minha língua, fontes de expressão oral africana, eu lhe transferi a marca da minha própria linguagem poética, também é sem dúvida verdade que, ao fazê-lo, eu



estaria introduzindo as marcas de um imaginário Outro na própria língua portuguesa. (CARVALHO, 1995, p. 75).

Carvalho (1995) aponta para uma relação entre o trabalho discursivo/criação literária e as questões conceituais, na medida em que constrói um espaço de diferença. Ora, em Angola, como nas restantes ex-colônias portuguesas, a opção pela língua do colonizador como a oficial não foi tomada sem grandes controversas e acaloradas discussões internas. Do lado moçambicano, ao se referir ao processo de criação literária, Couto fala numa língua reinventada, argumentando que “Existe algo que escapa à norma e aos códigos. [...] enquanto escritor, mais me fascina. O que me move é a vocação divina da palavra, que não apenas nomeia mas que inventa e produz encantamento” (COUTO, 2011, p. 14).

Nesse sentido, as inovações na linguagem compõem um movimento que tem, na sua gênese, duas atitudes diferentes por parte do escritor. Por um lado, os neologismos apontam para um movimento de nacionalização da língua; por outro, distanciam-se desse movimento, antes revelando a intenção do escritor de conferir ao seu texto uma dicção poética própria. O uso de aspectos próprios da oralidade caracteriza essa dicção.

Nos três livros do *corpus* deste texto, a oralidade é bastante marcada no modo como se configuram as construções lexicais feitas por Luandino Vieira, que versa a língua portuguesa a partir de neologismos, aglutinações, pactos de prefixos e sufixos, dentre outras estratégias. Nesses processos, as palavras, por um lado, perdem elementos constituintes do ponto de vista mórfico, por outro, ganham uma peculiaridade local e, assim, uma resignificação do ponto de vista semântico (KEHDI, 2006).

Em sua escrita, é comum Luandino lançar mão de outra ordem de transgressões que revelam os neologismos lexicais, dos quais destacaremos mais alguns exemplos, construídos ora a partir de processos de aglutinação, ora de processo de justaposição+++++.

+++++Do ponto de vista formal, o processo de composição pode acontecer, segundo Kehdi (2006), por aglutinação e por justaposição. Naquele, os itens linguísticos apenas são adjungidos sem, contudo, sofrerem



Na ocorrência “o *choraminjar* do prisioneiro” (RIOS, p. 38), há a criação de um neologismo verbal formado a partir do amálgama de chorar ou choramingar com o verbo mijar, fusão que provoca uma imagem de medo absoluto e fisiológico. Recurso novamente utilizado pelo autor em “Ele me olhou, sonojento, ainda, hirsuto sem lavar boca nem raspar língua” (RIOS, p. 52), fragmento no qual é notória uma imagem de grande intensidade visual, nas quais se fundem os vocábulos “sono” e “nojento” e dos quais é derivado o neologismo *sonojento*, cujo som e forma remetem ao vocábulo *sonolento*. Em “via luarentas cacimbas” (GUERRILHEIROS, p. 15), ocorre também o semelhante processo: uma palavra incorporar-se em outra, que resulta do substantivo *luar* com o adjetivo *barrentas*, criando uma imagem das cacimbas...

Assim como *uterinei*, em “ajoelhei na barriga da minha mãe, me uterinei todo” (RIOS, p. 121); (descreve o modo como se escondeu dos seus perseguidores no rio que oferece um lugar tão protetor quanto o ventre materno), no qual o neologismo *uterinei* é formado por um processo de aglutinação dos vocábulos *útero* e *urinei*; ou ainda o substantivo *gestemunho*, formado pelos vocábulos *gesto* e *testemunho*, em “Mas este meu gestemunho é avulso” (GUERRILHEIROS, p. 52). Outras expressões que merecem destaque são “luso assalazaristado” (NM, p. 66), derivado do substantivo próprio Salazar; “caracara com nossoutros os sentados por ali e de pé e acorados” (RIOS, p. 39), no qual a expressão *cara a cara* transforma-se em *caracara*.

E, ainda, expressões como: “Cagunfas! Fidascaixas! Fidasmães” (NM, p. 95), “vais mazé ficar com as roças do teu pai” (RIOS, p. 45) e “por gabo ou por maldizença” (GUERRILHEIROS, p. 12), nas quais destacamos as expressões linguísticas *Fidascaixas* e *Fidasmães* que, nas mãos hábeis da escrita luandina, sofrem também um processo de aglutinação.

alteração na forma; e, neste, o (s) item (ns) linguístico(s) sofre(m), alguma perda de massa fônica diante da fusão dos vocábulos. Do ponto de vista funcional, podemos sustentar, a partir de Givon (1991), que, em Luandino, em nome de uma criativa elaboração, o código (forma), muitas vezes, sofre erosão e, assim, a mensagem (função) é metamorfoseada, provocando, como resultado, a ressignificação do signo linguístico (código/mensagem).



Diferentemente do processo de composição anterior, em outras passagens, Luandino faz uso do processo de justaposição para a criação de novas palavras, como *felisfim* e *faz-de-conta, logo-logo*. Observemos os fragmentos: “Para felisfim e em faz-de-conta de camaradagem, aceito” (GUERRILHEIROS, p. 80). “Logo-logo, um mensageiro de Kambondo veio e avisou, de boca fechada” (GUERRILHEIROS, p. 83). Ou ainda a justaposição dos vocábulos *cada* e *vez* que formam *cadavez*, como em “cadavez apenas nas estórias que contamos uns nos outros” (GUERRILHEIROS, p. 12). Luandino, brincando com a possibilidade de efeitos de sentido, traz ainda as expressões “casaco-gravata” (NM, p. 38), “palavras-fezes” (NM, p. 56).

Há, também, na obra luandina, neologismos, como “criança-camões” (GUERRILHEIROS, p. 75), através do qual o narrador nomeia as inúmeras crianças angolanas mutiladas devido à guerra. Essas expressões encontradas, respectivamente em *Nós, os do Makulusu* (1975), em *O Livro dos rios* (2006) e *O Livro dos guerrilheiros* (2009), sinalizam uma precarização intencional das regras linguísticas por parte da linguagem de colonos e colonizados. No caso desses últimos, o recurso à transgressão pode ser visto como forma de superar os cortes impostos pela condição colonial. A exposição das cicatrizes ao mesmo tempo que sugere a dor reflete o processo de cura.

Outro recurso utilizado também por esse autor é a derivação prefixal. Algumas vezes com o prefixo *em-/em-*, como “O Kipasa empredregou, matarizado de sangue” (RIOS, p. 89) ou “[...] aquela que dia e noite ensonhava meu amor morto na estrada da Xicumá [...]” (GUERRILHEIROS, p. 93). E outras vezes, com o uso do prefixo *des-* com o sentido de negação da ação realizada, como em: “rios rotos e deslavados que nos olham tristes”, ou ainda “quero desenforçar aquele, o do sangue sujo, camarada meu” (RIOS, p. 98); “o rebanho delas desencardumava, certo sinal de trovoada e raio” (RIOS, p. 103); “pronúncia, que a professora queria desarredondar com seus dedos estragando minha boca” (GUERRILHEIROS, p. 31), “Só ele é quem vai poder me despir, lavar, descascar, unguentar e sacrar” (RIOS, p. 117); “Amizade deles era lisa, descomplicada fuba” (GUERRILHEIROS, p. 68); “[...], nada e laranja vermelha de umbigo ou da Baía,

dessementadas [...]” (GUERRILHEIROS, p. 70; “[...] não chegava de tabucada, desconseguíamos: cheios de água [...]” (GUERRILHEIROS, p. 99); “[...] o meu avô desalforriado [...]” (RIOS, p. 18); “Mas, cedo no desanoitecer [...]” (RIOS, p. 19).

Há outras passagens nos romances que também identificam não apenas o português angolanizado, mas também o quimbundo, tão combatido pelo colonizador. Percebemos que o quimbundo, na escrita de Luandino Vieira, é muito recorrente e não se limita a palavras isoladas, mas está, sobretudo, mais centrado em enunciados (estruturas frásicas), com provérbios populares ou elementos temáticos importantes para a construção da narrativa. Tal como nos seguintes exemplos: “*kala sanji, uatobo, kala sanji*” (NM, p. 11), “*kala sanji, uatobo kala sanji...*” (NM, p. 20), “*Oió muene uatobo kala sanji...*”##### (NM, p. 36), o qual exprime um provérbio popular, presente desde o início da narrativa. É válido ressaltar que esse provérbio é retomado em vários momentos do enredo.

Para além dos exemplos citados, encontramos outros provérbios em quimbundo: “*Rivandu ria ngiji, nguzu ia jimbandu...*”##### (RIOS, p. 16), “*O ufolo, tubia!...*”##### (RIOS, p. 37) ou “*Ialukuila ku lusile, iaxikila mu maloua...*”##### (RIOS, p. 41). Nos romances, os enunciados em quimbundo encontram-se em itálico no original e apresentam tradução em nota de rodapé. Como afirma Benjamin (1986), os provérbios estariam na narração menos propensos a responder uma pergunta do que a sugerir sobre a continuação da história, e, no presente caso, os provérbios sugerem uma relação de ironia.

Na observação de Salvato Trigo, “o recurso à parêmia é, hoje, um dos elementos de que se servem as literaturas africanas. Entende-se assim, na moderna estética literária, que o uso de provérbios constitui uma marca de africanidade discursiva” (TRIGO, 1981, p. 74-75). A presença de provérbios angolanos em quimbundo nos textos

Como uma galinha; bobo como uma galinha...
A rebeldia do rio, [é] a força das margens...
“A liberdade é o fogo!...”
Despejou-se no vomitado, revolveu-se no lamaçal...



literários escritos em língua portuguesa constitui-se, antes de mais nada, uma forma de resistência “como processo constitutivo de uma certa escrita” (BOSI, 2002, p. 125). Trata-se de uma possibilidade que muitos escritores estabelecem entre as variantes da língua africana, especialmente o quimbundo, que, no caso da literatura angolana, está presente, sobretudo, nos textos de Luandino Vieira. No entanto, não podemos justificar numa relação de causa/efeito a escrita da ficção africana em função dos aspectos da oralidade, pois, como afirma Leite (1998), a predominância da oralidade na África resulta de condições materiais e históricas e não de uma suposta natureza africana, raciocínio que desconstrói esse estereótipo de originalidade na literatura desses países.

Percebemos, nos romances do nosso *corpus*, que há uma recuperação de traços da oralidade, ou seja, uma re-criação da escrita, pois há que se levar em conta a questão da voz e da performance (ZUMTHOR, 1997). A esse respeito, a estudiosa Ana Mafalda Leite (1998, p. 34-35) destaca que, na obra de Luandino Vieira, a “intertextualização da oralidade” passa necessariamente pela língua. Embora se utilize dos instrumentos estéticos europeus, códigos linguísticos etc., as literaturas africanas de língua portuguesa traduzem a realidade das nações africanas, de modo a distingui-las e a demarcá-las como autônomas.

Leite acrescenta ainda que o caso de Luandino Vieira “é prova de que a língua é o primeiro instrumento de textualização” (1998, p. 35). Outro aspecto destacado pela estudiosa é a utilização da palavra *oralidade* no plural, pois vários “modos de apropriação da língua simulam e executam diferentes registros de textualização das ‘oralidades’” (1998, p. 35). Nesse caso, o plural de *oralidade* distingue o modo como cada escritor se relaciona com a textualidade oral e com as línguas. Segundo a estudiosa citada acima, Luandino Vieira “[...] tende a ‘hibridizá-la’ através da recriação sintática e lexical e de recombinações lingüísticas, provenientes, por vezes, mas nem sempre, de mais de uma língua (os casos de Luandino Vieira ou de Mia Couto)” (LEITE, 1998, p. 35).

No entanto e apesar da sua produção estética lançar mão de variadas técnicas de inovação linguística, Luandino declarou, em recente entrevista, de forma bastante



emblemática a respeito do que discutimos, até agora, sobre a questão da língua ou da linguagem na qual escreve: “O quimbundo ajudou-me a ser mais conciso, mas também muito mais atento ao ritmo e à musicalidade da língua” (VIEIRA, 2010, p. 195).

Explorando os seus romances e considerando os recursos discursivos que, nas palavras de Chaves (2012, p.86), apresentam-se como “exigências da tensão que o move para enfrentar as cisões do mundo em que se situa como homem e como artista”, os três romances que compõem nosso *corpus* são palco de uma problematização constante da língua.

Assim, o escritor atinge nas suas narrativas – até a presente data – uma grande sensibilidade lírica, sem medo de inovar, por meio de uma revolução intencional tanto no nível da linguagem, com o emprego do “quimbundo”, quanto no nível da estrutura narrativa, ao se propor uma escrita que assume estratégias discursivas variáveis. Ainda de acordo com Luandino: “o desenvolvimento do meu trabalho literário no sentido de prosa e narrativa deve-se a esse facto, [...] uma visão do mundo que quando não é poética, tendo sempre a poetizá-la, ou a ver as coisas de uma maneira lírica” (2010, p. 195).

Nesse comentário de Luandino, perpassam duas noções fundamentais. Sublinhando a relação entre ética e estética, o escritor constata que a narrativa está, sem dúvida, marcada pelas relações de narrativa e resistência e um fundamental processo de inovação e criação poéticas. Como observa Chaves (2012, p.88), “Luandino refina seu método e recorre, sem inibição, aos recursos da poesia. São as estratégias da lírica que virão completar o seu projeto estético e desvendar a radicalidade de sua visão política” (CHAVES, 2012, p. 88).

Ora, uma análise comparativa da obra de Luandino Vieira permite-nos verificar que, mesmo tendo começado a escrever as suas obras no período colonial, construiu o seu texto ao longo dos tempos com uma intensa qualidade literária, com transgressões à norma europeia, numa mescla entre o quimbundo e o português, utiliza os recursos da poesia assumindo-se como um projeto político de uma escrita de resistência,



atravessada por “uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita”, mas também, e principalmente, enquanto tema (BOSI, 2002, p. 129)

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo UNESP/HUCITEC, 1988.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CARVALHO, Ruy Duarte. Tradições orais, experiências poéticas e dados de existência. In: PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). *Repensar a africanidade*. Niterói: Imprensa Universitária Universidade Federal Fluminense (pp, 69-76)., 1995
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**. São Paulo: Ateliê, 2005
- _____. **A formação do romance angolano**. Coleção Via Atlântica, n.1, São Paulo, 1999.
- _____. O passado presente na literatura africana. In: **Via Atlântica**, nº 7, Outubro, São Paulo: Lato Senso-Editora de Textos, pp. 147-161, 2004.
- _____. *Narrativa e espaço. Angola, Moçambique e alguns ecos do Império*. São Paulo: USP/Departamento de Letras Vernáculas. Tese de Livre Docência, 2012.
- COUTO, Mia. Encontros e encantos – Guimarães Rosa. In: **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 107-119, 2011.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1990.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**, Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. In: Ângela Vaz Leão (org.) **Contatos e ressonâncias** – literaturas africanas de língua portuguesa, Editora Pucminas, pp. 43-72.
- TRIGO, Salvato. **Luandino**; o logoteca. Porto: Brasília, 1981.
- VIEIRA, José Luandino. Entrevista a Elena Passos. In: BRUGIONI, Elena; PASSOS, Joana; SARABANDO, Andreia; SILVA, Marie-Manelle (Orgs.). **Áfricas contemporâneas**. Braga: Ed. Humus, 2010.
- _____. **O livro dos guerrilheiros** – narrativas. Lisboa: Caminho, 2009.
- _____. **De rios velhos e guerrilheiros**: O livro dos rios. Luanda: Editorial Nzila, 2006.
- _____. **Nós, os do Makulusu**. São Paulo: Ed. Ática, 1991. (Col. Autores africanos)



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. São Paulo: Hucitec, 1997.